

Como receber, sem emprestar mais?

Os balanços dos bancos americanos não são um estímulo a novos empréstimos ao Brasil, "mas se não houver novos empréstimos como é que a dívida poderá ser paga?"

A pergunta foi feita por um participante das negociações da dívida brasileira, que pediu para não ser identificado, respondendo a uma consulta do JT sobre o impacto que o balanço anual dos bancos americanos poderia ter nas delicadas relações entre credores e o governo brasileiro.

"Isto já era mais ou menos esperado", ele acrescentou. "Enquanto o devedor mantém um status que obrigue o credor a novas

provisões, fica mais difícil receber novos empréstimos. Mas tem o outro lado da moeda: se não ajudarem, os credores não criam condições para recuperar o dinheiro que emprestaram".

As negociações entre o Brasil e o comitê de bancos credores continuavam, ontem, normalmente. Os banqueiros canadense, japonês, suíço, francês e alemão estavam participando da reunião, desmentindo o rumor de que tinham se afastado. "Nunca foram embora", garantiu uma fonte. A conversa saiu do impasse sobre o pagamento dos juros de janeiro, sem superá-lo, e passou a

abranger outros itens da agenda. "As negociações estão em curso, e só não progridem tão rapidamente como gostaríamos".

O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, que voltou ao Brasil para consultas, no sábado passado, deverá reassumir as negociações amanhã. Ele contou à imprensa, antes de partir de Washington, que está explorando várias opções para resolver o impasse que marcou o início das negociações, e que conseguiu isolá-lo, abrindo o diálogo em busca de um acordo de médio e longo prazo.

Moisés Robinovici, de Washington